

Estranhamento e mal-estar na relação com crianças andinas: algumas pistas e impasses na escolarização de crianças migrantes

Joana Sampaio Primo

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, da Universidade de São Paulo, sob orientação da professora titular Miriam Debieux Rosa. Bolsista FAPESP, nº do processo: 2019/12316-9.

Nossa apresentação faz parte de nossa pesquisa de doutorado, ainda em curso, na qual buscamos, em linhas gerais, acompanhar e intervir nas dificuldades surgidas na escolarização de crianças de origem andina na cidade de São Paulo. Indicamos, que nossa pesquisa é fruto de um projeto de extensão¹ que acompanha crianças andinas em algumas escolas municipais da cidade de São Paulo que tinham dificuldades na fala: algumas não sabiam falar nenhuma língua com aproximadamente 5 anos, outras apresentavam outros modos de silenciamento. Ao acompanhar *isto* que aparecia como um sintoma entre as crianças de origem andina, começamos a nos indagar sobre os estranhamentos e mal-estares que estas crianças causavam nas escolas, estes que, sem dúvida, ligam-se às particularidades do tecido social brasileiro e, mais especificamente, paulistano. Desse modo, partindo do **silêncio como um enigma que interroga o campo escolar**, passamos a nos perguntar sobre as **particularidade de ser uma criança andina na cidade de São Paulo**, particularidade atravessada por muitas camadas, dentre elas os estranhamentos causados pelo infantil e pelos traços andinos.

Ao longo de nossa pesquisa, fomos percebendo que o fenótipo andino é responsável, entre outras coisas, por produzir uma série de silenciamentos, ligados aos racismos que aqui se (re)produzem, racismos que desvalorizam determinadas características, enquanto supervalorizam outras. Clara Lemme Ribeiro, assim como outros autores, circunscreve o encontro entre os brasileiros e os andinos a partir da xenofobia e do racismo da sociedade brasileira: “[...] que consideram os *bolivianos como indígenas, atrasados, burros, sem higiene*” (2018, p.149, itálico nosso). Xenofobia e racismo que, *silenciosamente*, desqualifica alguns de saída, isto é, os enreda numa malha de poder-saber que perpetua o *desamparo*

¹ *Grupo Veredas: Psicanálise e Migração*, coordenado pela professora Miriam Debieux Rosa.

discursivo, numa história que não cessa de se inscrever como a narrativa dos “vencedores” que invisibiliza os “vencidos”.

Remetendo-nos às reflexões propostas por Rosa (2002), indagamo-nos, conjuntamente com a autora, como fica a transmissão simbólica, preparada pelo *narcisismo primário*, em famílias que ocupam majoritariamente um lugar de desvalor em nossa sociedade, como no caso das famílias imigrantes com as quais trabalhamos? **Quais seriam os atravessamentos desta constituição social menos valorizada e a trama escolar? Quais mal-estares estavam presentes nos impasses da escolarização das crianças de origem andina?** É em busca de sustentarmos essas e outras questões que propomos nossa apresentação.

Na modernidade, as crianças passaram a representar a promessa de futuro, atrelada aos modos como as instituições se ocupam de seu desenvolvimento, pois o fracasso ou o sucesso de seu futuro é medido pelo êxito dessas instituições, medição que nos remete às avaliações e às distintas posições diante da norma. É no interior desse tipo de socialização, que encontramos as famílias e as crianças andinas impossibilitadas de cumprir, justamente, o ideal que se coloca a todos. Os desvios do ideal, ou daquilo que é tido como normal, inscrevem-se de maneira peculiar nas malhas sociais, assim os desvios que a população andina encontra como destino na cidade de São Paulo, são distintos daqueles da população afrodescendente e da população de origem branca.

Localizamos, seguindo os passos de Volnovich (1993), as dificuldades na relação adultos-crianças quando estas últimas, por motivos diversos, deixam de cumprir com o ideal que era esperado delas. Se as crianças representam, em nossa sociedade, uma promessa de futuro, aquelas que são classificadas como desviantes, corresponderão a uma “ferida narcísica” para os pais e para os adultos que delas se ocupam, uma vez que deixarão de cumprir o ideal social.

Cair, então, da figura “angelical” para a figura do “pequeno selvagem”, pode significar prender a criança na imagem daquele com quem não conseguimos nos comunicar. Imagem que nos remete, diretamente, às queixas relacionadas à ausência da linguagem das crianças filhas de pais andinos. Crianças que são percebidas no lugar do estranho-selvagem e que são, de algum modo, privadas da possibilidade de corresponderem a outros ideais.

Indo além, identificamos que o sintoma que se manifesta na criança é, também, representante do que existe de sintomático na estrutura familiar (LACAN, 2003). Sabemos

que as famílias andinas em São Paulo, são grupos atravessados por desqualificações associadas ao trabalho, ao pertencimento a outro país e às desqualificações que o fenótipo indígena guarda em nossa sociedade. Situação que nos remete ao que Rosa (2016) denominou de *desamparo discursivo*, a saber, a somatória entre o desamparo social do sujeito e a desqualificação de seu discurso, incidindo de modo a culpabilizar alguns por sua condição social plurideterminada.

Indagamo-nos, então, como é possível que na mesma sociedade que cria a norma, haja a privação de que alguns se constituam a partir dela? Ou então, a norma seria, justamente, a criação dos ideais e de seus desviantes? Tomando, novamente, o caso das crianças andinas que não aprendem a falar, podemos pensar que, de algum modo, na relação delas com seus professores, elas não ocupam o lugar de ideal, a posição de *His Majesty the Baby* (FREUD, 2010)? Ou seria uma desvalorização do lugar parental, em relação aos andinos, que aqui são, sobretudo, mão de obra? Ou, ainda, a maneira periférica como os corpos são integrados ao sistema produtivo capitalista, isto é, a criação precária de “corpos completamente dóceis”, uma vez que aptos a uma grande disciplina de trabalho e de obediência (FOUCAULT, 2014)?

Conformação de corpos “dóceis”, aptos e produtivos, conformação que, de maneira grosseira, remete-nos às condições de trabalho dessas famílias em São Paulo e ao silêncio das crianças, que as tornam visíveis por serem em demasia silenciosas. Seria uma situação na qual o *poder disciplinar* agiria de maneira tão intensa a ponto de produzir uma obediência muda? Seria uma situação na qual os marcadores disciplinares discriminaríamos apenas o fenótipo? Seria uma situação na qual esse fenótipo saltaria aos olhos já apreendido pela forma como o racismo se produz no Estado brasileiro?

Famílias e crianças ligadas pelo sintoma do silenciamento, ligadas pelo *desamparo discursivo* no qual se encontram. Este que se apresenta de maneira literal nas crianças, um sintoma que, a nosso ver, “[...] se define, nesse contexto, como representante da verdade” (LACAN, 2003, p. 369), isto é, como representante de uma verdade que se opõe a um determinado saber que os homogeneízam no lugar do desvalor. Assim, não aprender nenhuma língua e se tornar uma questão para as instituições de ensino, não deixa de ser uma forma de colocar resistência a isso que se opera como um saber sobre as crianças e as famílias andinas, sendo, portanto, um sintoma que insiste em inscrever sua verdade.

Referências

- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: curso dado no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. Tradução de Paulo César de Souza. In: FREUD, Sigmund, **Obras completas**, v.12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.13-50. [1914].
- LACAN, Jacques. Nota sobre a criança. Tradução de Vera Ribeiro. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.369-370.
- RIBEIRO, Clara Lemme. **Gênero e mobilidade do trabalho**: bolivianas trabalhadoras na indústria de confecção de São Paulo. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.8.2019.tde-14052019-141554. Acesso em: 2021-04-20.
- ROSA, Miriam Debieux. Adolescência: da cena familiar à cena social. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 227-241, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642002000200013&lng=en&nrm=iso>. Access on: 12 oct. 2020.
- ROSA, Miriam Debieux. **A Clínica Psicanalítica em Face da Dimensão Sociopolítica do Sofrimento**. São Paulo: Escuta, 2016.
- VOLNOVICH, Jorge. **A psicose na criança**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.